

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PEDRO MARCOS RIBEIRO SOUZA

**A TRANSEXUALIDADE SERIA UMA SUPLÊNCIA NA PSICOSE: uma leitura
psicanalítica sobre a sexualidade**

**PATOS DE MINAS
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

PEDRO MARCOS RIBEIRO SOUZA

**A TRANSEXUALIDADE SERIA UMA SUPLÊNCIA NA PSICOSE: uma leitura
psicanalítica sobre a sexualidade**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro

**PATOS DE MINAS
2019**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

PEDRO MARCOS RIBEIRO DE SOUZA

**A TRANSEXUALIDADE SERIA UMA SUPLÊNCIA NA PSICOSE: uma leitura
psicanalítica sobre a sexualidade**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 26 de
junho de 2019

Orientador: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho aos pesquisadores e a futuros psicanalistas que tenham interesse pela temática da transexualidade.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, é essencial lembrar que, dentro da psicologia, a psicanálise é uma abordagem magnífica a qual permite o homem criar e reinventar-se de acordo com suas condições físicas e intelectuais.

Cabe-me falar sobre professores e Orientador deste estudo, de quem tive incentivo e apoio para todo o conteúdo produzido.

A abertura do ser fascina qualquer um que se ponha a pensar.

Lacan

A TRANSEXUALIDADE SERIA UMA SUPLÊNCIA NA PSICOSE: uma leitura psicanalítica sobre a sexualidade

TRANSEXUALITY WILL BE A SUPPLY IN PSYCHOSIS: a psychoanalytic reading on sexuality

Pedro Marcos Ribeiro de Souza¹

Marcelo Matta de Castro²

RESUMO

As temáticas relacionadas à transexualidade têm sido alvo de muitas discussões. Objetivou-se, com o presente estudo, realizado por meio de uma revisão conceitual da literatura com base na psicanálise de Lacan e Freud, investigar se o fenômeno da transexualidade pode ser uma suplência na psicose. As obras investigadas demonstram diferentes opiniões sobre a transexualidade. Mas, de forma geral, os estudiosos apontam a existência de uma relação do sujeito não submetido à castração e à ordem fálica não elaborada, em que o sujeito não é posto à partilha do sexo, definida pela Psicanálise como processo desprovido de identidade sexual. Lacan busca explicação do efeito do empuxo-á-mulher em um caso específico de Schreber, que ouve uma suplência na psicose. Fica evidente na pesquisa que nem todos os casos de transexualidade tratam de uma suplência na psicose.

Palavras-chave: Psicose. Transexualidade. Empuxo-á-mulher. Suplência.

ABSTRACT

The issues related to transsexuality have been the subject of many discussions. The objective of this study was to investigate whether the phenomenon of transsexuality can be a substitute for psychosis by means of a conceptual review of the literature based on the psychoanalysis of Lacan and Freud. The works investigated show different opinions about transsexuality. But, in general, the scholars point to the existence of a relationship of the subject not submitted to castration and to the phallic order not elaborated, in which the subject is not put to the sharing of sex, defined by Psicanalysis as a process devoid of sexual identity. Lacan seeks an explanation of the effect of the push-woman in a specific case of Schreber, who hears a substitute in psychosis. It is evident from the research that not all cases of transsexuality deal with a substitute in psychosis.

¹Graduando em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). pedromarcos63@hotmail.com

² Mestre em Estudos Psicanalíticos pela (FUMG). Docente e orientador do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. 2mmcastro@gmail.com

Keywords: Psychosis. Transsexuality. 'I'll push a woman. Substitution.

1 INTRODUÇÃO

Tem se debatido muito sobre o fenômeno da transexualidade. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2018), na sua nova classificação Internacional de doenças (CID), em relação ao fenômeno da transexualidade, o qual era considerado um transtorno mental, este termo _ transtorno mental _ foi retirado das classificações. A nova classificação, CID-11, em 2018, muda a identidade trans, deixando, assim, de ser considerada transtorno de gênero, e passa a ser diagnosticada como incongruência de gênero: uma condição relativa à saúde mental. Desta forma, na prática, a transexualidade deixa de ser percebida como uma psicose ou outros transtornos mentais e passa a ser considerada condição relativa à saúde sexual.

Wesphal (2015), com a tentativa de explicar a evolução e definição sobre a transexualidade, conceitua a temática, já no século XX, como uma entidade clínica e isolada de qualquer outro estudo ou teoria de sua origem. Em seus estudos, lida com a hipótese de que o sujeito transexual relata em sua história de vida o sentimento de pertencer ao outro sexo; parte-se, então, da não aceitação do seu próprio sexo.

Ainda em estudo apresentados na obra citada anteriormente, alguns transexuais, convencidos de que seus corpos, como um todo, é um erro da natureza, vivenciam uma morfologia que pertencem ao outro sexo, sendo que seus órgãos sexuais devem ser corrigidos cirurgicamente. O avanço da medicina, ocorrido no início do século XX e na atualidade do século XXI, oferece apoio ao sujeito que quer fazer uma mudança de sexo, podendo ser direito do transexual solicitar o pedido de operação de conversão.

Nesta perspectiva, vale lembrar que a psicologia se preocupa cada vez mais com a saúde mental. Em leitura do livro Memórias de um doente dos nervos, de Daniel Paul Schreber (1905), o transexualismo e a feminilização, vivenciados em Daneil Schereber, são tomados como um delírio construído em sua psicose. Em sua internação no sanatório público de Sonnestein, local que ele passa por um período maior de internação: oito anos, no ano de 1895, alega ter forças sobrenaturais totalmente psicótico. Neste período, Daniel Schereber resigna-se a aceitar sua

transformação em mulher, de acordo com os elevados fins da ordem do mundo, a fecundação pelos raios divinos e a geração de uma nova humanidade. Pode-se ver, a partir disso, nitidamente, que no delírio construído por Schreber, em sua psicose, a característica psicótica efetiva-se no real, ou seja, o seu delírio tenta transformar seu corpo em um corpo feminino.

Com esta temática da transexualidade a tendência do sujeito psicótico a partir de seu delírio, tenta-se construir sua identidade sexual como sendo a do sexo oposto ao seu sexo. O presente trabalho, então, através da literatura, fundamentada na psicanálise de Jacques Lacan, tem como foco investigar se o fenômeno da transexualidade pode ser uma estabilização da psicose. Ao apresentar este caso de Schreber, pode-se colocar a seguinte interrogação: seria a transexualidade uma suplência a uma desestruturação radical do psiquismo do sujeito?

2 AS PSICOSES E A TRANSEXUALIDADE: vinheta clínica

Ao entrar no conteúdo das possíveis relações das psicoses com a transexualidade, retoma-se o conceito das psicoses, apresentado no dicionário de psicanálise (Elisaveth & Plon, 1998). O termo psicose foi introduzido pelo psiquiatra Ernst Von Feuchterslebem, no ano de 1842. Este conceito foi criado para substituir a loucura e definir os doentes em sofrimento psíquicos em uma lógica psiquiatra. O estudo das psicoses parte, então, de várias ciências, como a medicina, a neurologia, e, mais tarde, na psicoterapia, neste período, as psicoses vão deixar de ser tratadas como inerentes ao campo das loucuras e são enquadradas como doenças mentais. Com esta perspectiva, trazem à tona três grandes formas modernas da loucura que são: esquizofrenia, paranoia e psicose maníaco depressiva. Freud retoma o conceito da psicose, a partir de 1894. Em primeira parte, ele introduz o termo para explicar a reconstrução do inconsciente, por parte do objeto do sujeito, através de um delírio ou alucinação; mais tarde, Freud diferencia a psicose, da neurose e da perversão como estruturas psíquicas do indivíduo.

Estudos coletados no dicionário de psicanálise cabe-se apresentar os campos envolvidos pela psicose de Elisabeth e Plon (1998) colocam a esquizofrenia como pertencente ao campo das psicoses. Este termo começou a ser empregado por volta de 1911, nomeado por Eugen Bleuler, origina-se do grego e significa fender, clivar pensamentos. Recebeu, inicialmente, este nome para definir uma

forma de loucura. Ainda a este respeito, importante inscrever aqui que os conceitos de Emil Kraepelin relacionam a esquizofrenia à demência precoce, na qual vários sintomas de disfunções do pensamento, da afetividade e da ação, incluindo o autismo, apresentam-se como uma manifestação delirante. O pensamento de Sigmund Freud contorna esta estrutura e dá origem às parafrenias, termo utilizado na psiquiatria para a explicação de um lado da paranoia e da psicose maníaco depressiva, que provém da melancolia.

O segundo campo das psicoses inclui a paranoia, apresentada na obra de Elisabeth e Plon (1998) como termo derivado do grego e que designa a loucura no sentido de exaltação e do delírio. O termo da paranoia teve sua origem na psiquiatria Alemã, no ano de 1942, introduzido por Johann e por Christian Heinroth. Teve também uma contribuição Francesa: em 1887, foi importante para o estudo da esquizofrenia e da psicose maníaco depressiva. A paranoia, em termos gerais, é considerada um dos três componentes da psicose, caracteriza-se por um delírio generalizado, no qual o sujeito tem uma predominância de interpretação e deterioração intelectual.

Toda sua forma delirante inclui a perseguição, a erotomania, o delírio de grandeza e o delírio de ciúmes. Freud, em 1911, retoma o termo na paranoia para uma suposta relação de que a paranoia seria uma defesa à homossexualidade.

No terceiro campo apresentado no dicionário de psicanálise, ainda em Elizabeth e Plon (1998), a Psicose Maníaco depressiva foi introduzida pela psiquiatria no século XX a partir dos termos da psicose mania e depressão, com o intuito de compreender o lado da paranoia e da esquizofrenia. Neste momento, ela é considerada a terceira dos grandes componentes modernos da psicose e é caracterizada por perturbação de humor, assumindo a forma de uma alternância entre estados de agitação ou exaltação e estados melancólicos.

De acordo com Santos e Oliveira (2012) e estudos coletados na obra de Jaques Lacan, observa-se que Lacan deixou uma contribuição fundamental para os estudos da estrutura no campo das psicoses. Obviamente, ele manteve-se inspirado na obra de Freud. Esta contribuição aconteceu por volta da década de 1950, que consistia em um esquema estrutural entre perversão, neurose e psicose, e, por meio dos seus estudos, desenvolveu a teoria do significante, na qual ele relata em seu livro das psicoses no seminário três.

Com base da teoria de Lacan (1955), descobre-se que é por meio da linguagem e dos acontecimentos na vida do sujeito que ele faz uma elaboração conceitual do imaginário, simbólico e real, trazendo a sua colaboração, que, segundo o próprio Lacan, tem uma representação crucial para entender a estrutura do psicótico dentro do estudo da psicanálise.

Sendo assim, é necessário entender que, na psicose, a questão do mecanismo psíquico não é dominado pelo significante, fazendo uma não separação do simbólico e imaginário, e, desta forma, então, no sujeito psicótico, o seu biológico é dominado pela função do imaginário, que pode ser compreendido como um forçamento, no qual o ser humano não conseguiria dominar sua linguagem, o sujeito encontra-se, deste modo, sem controles, sem lei e sem limites, ocupado pelo primitivismo.

Segundo Burgarelli e Santiago (2009), deve-se levar em consideração que, no sujeito psicótico, o registro biológico é completamente interligado ao imaginário; o significante não faz mediação ao real, dando uma origem alucinatória e delirante. Por outro lado, o registro humano é controlado e regido pelo ego, encontrado em pessoas neuróticas, em que se encontra uma mediação do simbólico e do imaginário.

De acordo com Lattanzio e Ribeiro (2017), ao se tratar da temática da transexualidade, pode-se compreender que é uma recusa do seu sexo anatômico. Por vários anos, teóricos tentaram uma definição para este fenômeno, e com uma tentativa de explicação, enquadra-se o sujeito transexual ao DSM, com o diagnóstico do transtorno de gênero, existindo quatro critérios para o possível diagnóstico. Uma afirmação da transexualidade seria dentro de uma possível ligação entre o homem em tornar-se mulher, existindo, portanto, uma contradição em relação ao sistema fálico, no qual falo e pênis são entendidos pela psicanálise como objetos de identificação e desejo, de tal forma que sua ausência pode comprometer a sua estrutura psíquica.

Os estudos apresentados na presente obra de Lattanzio e Ribeiro (2017) trazem conhecimentos para este fenômeno e uma tentativa de explicação ao transexual psicótico, tomado por um delírio em tornar-se mulher. Neste sentido, é possível uma associação entre a transexualidade e a psicose, alegando que este fenômeno nada mais é que uma ameaça à significação fálica, a qual ele deu o nome

de processo de reprodução dimórfica. Isso acontece diante de uma recusa social das diferenças dos sexos, desestruturando-os do social.

Diante de vários conceitos da transexualidade, os mesmos autores acima citados falam de uma possível diferença entre os transexuais verdadeiros e os transexualistas. Verifica-se que nos transexuais, cujo nome do pai é forcluido, existe uma dificuldade real de construção de identidade sexual; no entanto, por outro lado, nos transexualistas, sobre a estrutura da identidade sexual, há um reconhecimento do falo, mas não existe uma definição corporal e identidade sexual do masculino e feminino, ou seja, há acontecimento e reconhecimento da ordem fálica, mas existe recusa às leis voltando seu gozo. Havendo, desta forma, uma rejeição à ordem fálica, o sujeito transexual, tomado pela psicose, fica submetido ao plano imaginário e o simbólico é esquecido.

Na obra de Teixeira (2006), há a conceituação das etapas clínicas da psicanálise para explicar o fenômeno do transexualismo, o da forclusão do nome do pai, e o empuxo-à-mulher. Estes termos usados pela psicanálise têm uma colaboração para o entendimento dos transexuais e as suas possíveis relações com os sintomas psicóticos. Há de se dizer que vários transexuais optam por uma correção cirúrgica, como a transgenitalização, possibilitando uma suposta identificação sexual, elevado ao imaginário. Esta reinvenção do próprio sexo através das cirurgias deixa o sujeito tomado por esta opção apenas inventando seu próprio sintoma na psicose, que, de acordo com a autora, faz parte apenas de uma mutilação do próprio corpo.

Para Teixeira (2006), ao se deparar com o conceito da forclusão do nome do pai e ao considerar a estrutura do sujeito psicótico, quando o nome do pai se torna forcluido, acontece uma rejeição do significante fundamental para fora do universo simbólico, e uma recusa do sujeito à castração simbólica. Assim, a ordem fálica torna-se ausente, submetendo-o para fora da partilha sexual, o que é forcluido do simbólico retomar ao real. Deste modo, em se tratando dos transexuais, o que está comprometido é a forclusão da significação fálica. Aqui, ela também retorna ao real, mas pela forma de passagem ao ato; através de cirurgias, os transexuais conseguem tornar-se, de forma simbólica, mulher. Seria possível a reinvenção do próprio sexo sendo tomado por um delírio psicótico? Esta comparação foi levantada por vários estudiosos em uma possível conexão da psicose com os transexuais.

Lacan, para entender melhor o delírio construído por psicóticos, busca em seus estudos através do termo o qual ele nomeou de empuxo-à-mulher. Dentro da perspectiva desta definição, afirma-se que é a parte de uma orientação do gozo, processo pelo qual ocorrem as psicoses, quando o nome do pai é forcluído. Em resposta a esta questão, o sujeito psicótico rejeita a castração simbólica e a fase fálica.

É importante retomar o conceito da castração como parte fundamental para o entendimento de uma estrutura clínica bem-sucedida. Quando este processo acontece, tem-se um neurótico; quando a castração não é realizada, tem-se um psicótico. De acordo com Gama e Bastos (2010), não é possível, através de um nascimento psíquico de um indivíduo ser homem ou mulher, mas quando o sujeito é submetido à castração, ele vai concluir na ordem fálica e, nesta fase, ele vai definir-se psicicamente um ser do sexo masculino ou feminino.

Diante do exposto, a seguir são descritas duas situações que ilustram na prática casos de transexualidade como tendo ou não relação com a psicose.

Relato de caso 1

Para se discutir a temática da transexualidade, parte-se da discussão de alguns relatos de casos de um transexual. O primeiro caso, estudado por Yoshida, Pereira, Sousa, Klein e Cordeiro (2001), acontece em abril de 1999, no hospital da Clínica Unicamp. Segundo informações colhidas pela equipe do local, o adolescente de 17 anos, do sexo masculino, identificado no local por nome feminino, pelo qual se identifica e quer ser chamado, procurou a clínica para uma possível cirurgia de redesignação sexual. O rapaz foi submetido às regras do hospital, que tinha as etapas a serem cumpridas para esta mudança radical do sexo.

Na primeira etapa no caso do rapaz, tem-se um caso de transexualidade primário, em que o envolvido foi encaminhado para a psicoterapia individual, na qual seus pais receberam as orientações necessárias. Tanto o rapaz quanto os seus pais, representados pela avodrastra, foram submetidos aos testes de personalidade e, em seguida, encaminhados ao psiquiatra.

De acordo com a descrição do relato, o jovem sentiu-se pertencente ao sexo oposto: suas vestimentas sempre foram do sexo feminino e sua forma de se apresentar à sociedade é com um nome feminino. Teve pouco contato com a mãe

biológica, que o criou até aos oito meses de idade, e até 9º ano de idade foi criado pela esposa de seu avô materno.

Os relatos de vivências do rapaz apontam que ele e o avô tiveram sérias dificuldades, inclusive de maus tratos e agressividade do avô em relação ao jovem.

Quanto à história do avô materno, pode-se relatar que era um alcoolista e no decorrer deste caso o jovem conta que dormiu com os avôs até aos 12 anos de idade.

Em relação à sua infância, há relatos de muitos pesadelos, visão de vultos e fantasmas, o que pode se tratar de uma possível consequência deste comportamento atípico de dormir com avôs até a pré-adolescência, o que pode ter resultado em várias falhas para o seu desenvolvimento psíquico.

O presente caso apresentado e os dados colhidos em virtudes dos fatos relatados não conduzem a um diagnóstico de transexualidade como suplência na psicose. Aspectos importantes a serem levados em consideração é o fato de se dividir a cama com os avós e os pesadelos que tinha em sua infância, as agressões que o jovem sofria de seu avô e visão de vultos e fantasmas. Vale ressaltar, em tempo, que estes relatos não são de origem psicótica, mas que o conjunto de fatores expostos aqui podem comprometer o desenvolvimento psíquico do indivíduo em questão.

Relato de caso 2

O segundo caso, apresentado na obra de Freud (1911), caracteriza-se como paranoia. O caso aconteceu em 8 de dezembro, no ano de 1884, quando o indivíduo pesquisado é internado na clínica da Universidade de Leipzig para tratar doenças nervosas, pelo fato de ter uma crise de hipocondria, a qual pode ser entendida como um dos seus primeiros sintomas de uma psicose que a desencadeia futuramente.

Em sua crise de hipocondria, sua queixa inicial tem relação com ideias de emagrecimento, apresentando também manifestações delirantes e tentativas de suicídio. Ele permaneceu internado por seis meses. No ano de 1886, Schreber considera-se totalmente curado, voltou às atividades profissionais no cargo de juiz - Presidente do tribunal Regional de Leipzig. Em alguns de seus relatos, ele menciona que seus muitos méritos obtidos, como outorga da cruz de cavaleiro de primeira classe, em 1888, a nomeação para presidente do tribunal de Freiburg, em 1889 e,

mais tarde, duas eleições em 1891 e 1892, com o título de presidente, ele teve uma única frustração: várias tentativas de ter filhos, e sua esposa, Sabine Schreber, teve seis abortos, sendo eles de causas espontânea.

O agravamento de Schreber teve início quando ele foi nomeado ao cargo de juiz-presidente da corte de Apelação, através de uma ordem do rei, não podendo, portanto, recusar este cargo. Ao iniciar no cargo de juiz-presidente, desde o início de sua carreira, apresentou dificuldades e uma sobrecarga psíquica muito elevada. Em uns de seus discursos de um sonho, no qual sua doença teria voltado, fala de como seria bom ser uma mulher no ato sexual.

Os acontecimentos e exigências do seu novo posto profissional levam Schreber a uma carga emocional complicada, levando-o ao colapso mental. Em seus depoimentos, os primeiros sintomas encontrados para um adoecimento são: insônia, sensibilidade a resíduos e angústia intensa, e perceptório, que desde o início das queixas de sua doença estava colocando-o como vítima intencional.

Na data de 21 de novembro, o casal recorreu mais uma vez aos cuidados do Professor Flashing, o qual participou da primeira crise no decorrer da sua doença. Como o estado era grave e os atendimentos em casa não obtiveram resultado, ele passou a ser atendido na clínica universitária para doenças nervosas, em Leipzig. E foi nesta época que Schreber teve a sua maior internação: nove anos.

O médico deu o diagnóstico de Dementia paranoides. Com o decorrer do tempo, tem-se um agravamento do caso e novas queixas são adicionadas: um amolecimento cerebral, no qual ele afirma, em seguida, que conseguiu deixa-lo enlouquecido.

Freud (1911) descreve o caso Schreber e sua fantasia como sendo alucinações, que, segundo ele, teve a ideia de emasculação e a de redentor. Em seu discurso, ele dizia que, gostando ou não, estava preparado para o processo de se tornar mulher e ser fecundado pelos raios divinos, dando uma nova raça de homens, que consiste na ocorrência de delírios presente na fase psicótica. Ainda no estudo de Freud, há a afirmação de que esta ideia radical de Schreber em se transformar em mulher foi um caso de transexualidade como uma suplência na psicose. Ao se apresentar estes casos, pode-se colocar a seguinte interrogação: seria a transexualidade uma suplência a uma desestruturação radical do psiquismo do sujeito?

3 DISCUSSÃO

Estudos apresentados na obra de Stoller (1968), para entender os principais conceitos da transexualidade na visão Stolleriana, surgem de um debate de Stoller com a psicanálise Freudiana em relação ao complexo de Édipo. Segundo Stoller, Freud não levaria em consideração a importância ao período pré-Édipo. Ainda de acordo com Stoller, seu conceito de identidade de gênero modifica a teoria Freudiana, na qual se dá o início do pensamento da fase anterior ao Édipo, chamada, então, de período pré-Édipo.

Este processo colocaria o menino fundido à mãe, de modo que mãe e filho seriam apenas um, ambos não estariam separados; um sentindo fazer parte do corpo do outro, de modo que o menino se sentiria parte do corpo da mãe, conformando a feminidade da mãe. Caso esta relação simbiótica não seja separada, pode-se, então, tornar-se um problema ainda maior na sua identidade de gênero nuclear ou no senso de ser mulher. Deste modo, importante faz-se assumir que se esta relação simbiótica não mantiver uma separação, provoca distúrbios de gêneros, gerando um caso mais extremo relacionado à transexualidade.

A pesquisa de Stoller (1968) diz que a escolha da transexualidade seria para ele um quadro clínico de formação identitária não decidido por forças biológicas. Seriam os sujeitos transexuais que não apresentariam disfunções anatomofisiológicas, endócrinas ou genéticas, o que levariam a um distúrbio de gênero, de que os transexuais se ocupariam e revelariam a determinação de fontes ambientais ou pós-natais para a sua constituição indeníria sexual.

Stoller, em sua teoria, acredita que exista uma ligação entre os distúrbios de gênero e a transexualidade. Para ele, ao lidar com perversão de identidade de gênero, travestismo fetichista, em seu conceito de homossexualidade, lida-se, necessariamente, com conflitos de defesas nos quais o sujeito recalca a não transexualidade. Ao entrar no conceito fundamental, em que a psicanálise freudiana aborda a temática da transexualidade, a ansiedade de castração e o complexo de Édipo, tudo o que Freud relacionou a este conflito seria um modelo de elaboração de masculinidade e da feminidade.

Stoller pauta-se na hipótese de um processo não conflitivo; segundo ele, não contemplado por Freud. Esta hipótese seria resolutiva para a formação do núcleo de identidade de gênero. Em um dos conceitos da ótica Stolleriana, o sujeito transexual

tem o reconhecimento do seu corpo, não distorce as percepções do próprio corpo, mas, em seu discurso, relata o pertencimento ao gênero oposto ao que seu corpo indica. No conceito Stolleriano, o transexual masculino é um homem biologicamente, mas sua identificação de gênero é feminina.

Em vários atendimentos de Stoller, (1968), apresentados em sua obra aos seus pacientes transexuais, tem-se a observação de um vínculo intenso e uma gama de fatores coincidentes, relacionados à simbiose mãe e filho e pai ausente nesta relação. As mães destes transexuais são tomados por discursos de mães com problemas psicológicos e de pais, muitas vezes, ausentes e sem autoridades. Já o contato de mãe e filho é extremamente exagerado, sem hostilidade ou frustração, não são movidos por desejo sexual, tudo o que manifesta é dois se apresentando como um, o filho é um falo da mãe, amenizando seu sofrimento do pai ausente, que não fez a separação; faz o inverso com suas atitudes berrantes a este conflito, apenas o encoraja.

No complexo de Édipo, o filho não quer tomar a mãe para si como objeto de desejo, nem o pai como rival. Desta forma, fica preso à feminidade primária, de modo que sua masculinidade não se desenvolve, tem-se um senso de ser mulher. De acordo com Stoller (1968) e sua pesquisa sobre a transexualidade, pode-se dizer, então, que, nos casos dos transexuais femininos, esta posição trans ocupa-se de livres conflitos ou traumas em sua fase psíquica de desenvolvimento mental. Sendo que, desta forma, no conceito Stolleriano, e se tratando dos casos dos transexuais masculinos, a longa simbiose que se encontra traz como consequência um distúrbio profundo no ego corporal da criança, pelo que ele se sente como sendo, de alguma forma, mulher, apesar de se reconhecer como homem. Para concluir seu diagnóstico, para Stoller, as mães nas quais se dá a simbiose danificam o desenvolvimento das funções do ego em geral ou mesmo do ego corporal, exceto em relação a este senso de feminidade.

Ao contrário do que se poderia esperar, transexuais masculinos, segundo Stoller, não são meninas edípicas, não são românticas, ou sedutoras dos pais, não assumem a mãe como rival e como futura fonte de identificação. O menino transexual teria como principal ocupação compor-se de uma aparência feminina.

3.1 Lacan, a psicose, a transexualidade e o empuxo-à-mulher

Estudiosos como Gama e Bastos (2010) retomam o conceito do empuxo-à-mulher, já indicado anteriormente, para colocar em hipóteses o fenômeno da transexualidade como suplência nas psicoses. O fenômeno nomeado por Lacan de empuxo -à- mulher, que, segundo a autora, na própria concepção de Lacan, é um termo que não serve para definir a partilha sexual do sujeito, a qual se define homem ou mulher, mas, para distinguir uma explicação na manifestação de um delírio na psicose e pode encontrar indivíduos convencidos a se tornarem mulheres, vivenciando este delírio como um amor imaginário, no qual o sujeito fica à mercê do outro goza pelo corpo como de mulher.

Assim, como citado na obra de Freud (1911) e a partir de dados coletados no caso de Schreber (1905), quando sua intensa atividade delirante lhe impõe tornar-se a mulher de deus, gerando uma nova raça na humanidade, ele parte de um delírio construído do simbólico ao imaginário, ou seja, colocando em ato o seu próprio delírio.

O termo usado por Lacan de empuxo-à-mulher não é apenas uma característica para explicar o fenômeno da feminização, é também, e principalmente, uma característica fundamental para o entendimento da estrutura psicótica, na qual o sujeito passa por processo de sexuação, que, para a psicanálise, é quando o sujeito nasce desprovido de identidade sexual.

Para entender a temática de uma possível suplência com a transexualidade, Gama e Bastos (2010) retomam o conceito de castração para entender este processo sexuado do sujeito. O posicionamento diante da castração é fundamental para estrutura psíquica do sujeito, pois a não castração quer dizer que ele está submetendo-se à lógica fálica, domando o indivíduo do lado masculino e feminino. Então, na psicose, o sujeito não registra a castração, não é levada à ordem fálica, este sujeito não registra a diferença sexual e é posto à não divisão dos sexos, isto é vivenciado nos casos de paranoia, como no caso Schreber, quando é convidado a responder se é do sexo masculino ou feminino, afirmar ser homem e mulher ao mesmo tempo.

Para os autores citados no parágrafo anterior, a manifestação de empuxo-à-mulher, vivenciado em sujeitos psicóticos, experimenta com objeto de gozo do outro, através de um gozo radical, posição essa que é ocupada através da correlação com

erotomania³, em que o sujeito vai experimentar delírios em diferentes situações e uma construção distorcida da realidade. Desta maneira, pode-se depreender que, diante destes fatos mencionados, nos casos das psicoses, o empuxo-à-mulher é considerado psiquicamente em sujeitos psicóticos por uma manifestação de delírio, em resposta à condição de que o sujeito se encontra sexuado, através de uma desestabilização psíquica do sujeito diante da partilha sexual, impossibilitando o alcance da estabilização nas divisões do sexo. Em virtude das hipóteses sobre o empuxo à mulher, afirma-se que o delírio é uma reconstrução da realidade, na qual o sujeito psicótico cria uma tentativa de cura em casos de paranoia, como apresentado na obra de Freud (1911), no caso de paranoia do presidente Schreber, quando ele

aceita resignar-se em ser fecundado pelos raios divinos sendo a mulher de Deus e dando uma nova raça à humanidade.

Retomando o estudo de Gama e Bastos (2010), pode-se afirmar que o empuxo-à-mulher é uma maneira, através de um delírio do indivíduo não castrado, de responder psiquicamente à condição de que ele se encontra sexuado diante da partilha sexual dos sexos. O efeito da manifestação do empuxo-à-mulher, em sujeitos psicóticos, é o fato deste indivíduo não ter acesso à função fálica e ainda não se posicionar-se sexualmente, o que o leva a se reinventar com ele próprio, buscando uma nova condição sexuada.

Este termo, usado por Lacan (1972), empuxo-à-mulher, no seminário 20, trata, então, da manifestação causada em sujeitos psicóticos. Ao citar o caso Schreber, a manifestação em seu delírio seria da foraclusão do nome do pai, em que Schreber não entra na ordem fálica, o que dificulta sua inclusão na partilha dos sexos, uma vez que seu gênero fica indefinido como homem ou mulher e sua identificação ficaria apenas no imaginário ao falo da mãe. Esta identificação na qual o sujeito não está submetido à ordem fálica, no caso Schreber, segundo Lacan, é a definição de empuxo-à-mulher no contexto de seu delírio em se tornar mulher. Para Lacan, a definição de empuxo-à-mulher, então, está ligada ao quantificador predisposto do lado feminino, pode-se tomar por verdade que nenhuma que não esteja submetida à castração, em torno de metade das mulheres, o sujeito

³ Erotomania significa exageração, às vezes mórbida, dos sentimentos amorosos e do fascínio por contatos sexuais; mania de sexo.

determina-se a partir de que, não existindo a suspensão fálica, tudo pode dizer -se dela, mesmo que provenha do sem razão.

Para Freud (1911), a erotomania vai ter efeito em uma condição solidária à condição objetal do sujeito, que vai acompanhar a feminilização no plano dos fenômenos. É importante dizer é que a característica fundamental que este efeito vai causar ao sujeito é que o outro sempre o amo, sendo que o indivíduo vai permanecer neste amor passivo, como objeto. Freud ainda fala que, neste caso de delírio erotomaniaco, sempre a relatos de que o sujeito em seu discurso que eu não o amo, eu amo, porque ela me ama, verifica-se que sempre vai partir do outro este amor imaginário que amou o sujeito primeiro.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo não teve como objetivo esgotar o tema da transexualidade como suplência na psicose. A temática da transexualidade segue extremamente complexa e desafiadora. O que se pode apurar neste trabalho, com a leitura de obras concernentes à, psicanálise foi que a transexualidade pode vir a ser uma suplência na psicose se for verificado nos casos em que o efeito que causa o empuxo à mulher pode ter consequência na vida do sujeito.

A suplência encontrada no caso específico do presidente Schreber, que de acordo com a leitura psicanalítica Freudiana e Lacaniana, não obteve a castração, não passou pela ordem fálica. Como não se escreveu na partilha sexual, ele se construiu um outro que falta nele, que pode tonar-se o imaginário através de uma forma delirante. É de extrema importância afirmar que não são todos transexuais que podem ser considerados psicóticos, mas se o caso em específico do transexual estiver ocupado do efeito do empuxo-à-mulher, sim.

REFERÊNCIAS

- Burgarelli, S., & Santiago, J. (2009). A psicose de Lacan a Freud. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 1(61), 155-407.
- Elisabeth, R., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trads.) Rio de Janeiro: Zahar.

- Freud. (1911). *O Caso Schreber, Artigos Sobre Técnica e Outros Trabalhos* (Vol. XII). Rio De Janeiro: Imago.
- Gama, V., & Bastos, A. (2010). A feminização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. *Psic. Clin.*, 22(1), 141-156.
- Lacan. (1972). *Livro 20 mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1955). *O seminário livro 3 as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lattanzio, F., & Ribeiro, P. (2017). Transexualidade, psicose e feminilidade originária: entre psicanálise e teoria feminista. *Psicologia USP*, 28(1), 72-82.
- Organização Mundial de Saúde. *Cid-11: Classificação Internacional de doenças para diagnóstico para Estatísticas de Mortalidade e Morbidade*. (11a ed). Genebra: Autor.
- Sampaio, L., Coelho, L., & Maria, T. (2012). Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 16(42), 637-649.
- Santos, T., & Oliveira, F. (2012). Teoria e clínica psicanalítica da psicose em Freud e Lacan. *Psicologia em Estudo*, 17(1), 73-82.
- Schreber, D. (1905). *Memórias de um doente dos nervos* (1a ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Stoller. (1968). *Sex and Gender*. Londres: Routledge.
- Teixeira. (2006). Mudar de sexo: uma prerrogativa transexualista. *Psicologia em Revista*, 12(19), 66-79.
- Westphal. (2015). O Transexualismo como Suplência na Psicose. *Centro de Pesquisa em Psicanálise, Medicina e Sociedade*, XVIII(1), 11-24.
- Yoshida, L., Pereira, C., Sousa, L., Klein, S., & Cordeiro, S. (2001). Transexualismo uma Visão Psicanalítica. *Latinoam. Psicopat.*, 4(2), 92-102.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor. Orientando:

Nome completo: Pedro Marcos Ribeiro De Souza

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira – B. Cidade Nova, 1200, Bloco 3ª

Patos de Minas – MG - CEP: 38706

Telefone de contato: (34)3818-2300

E-mail: pedromarcos63@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Marcelo Matta de Castro

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira – B. Cidade Nova, 1200, Bloco 3ª

Patos de Minas – MG - CEP: 38706

Telefone de contato: (34)3818-2300

E-mail: 2mmcastro@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 26 de junho 2019

Pedro Marcos Ribeiro De Souza

Marcelo Matta de Castro



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)